

Metodologia de Projetos de Aprendizagem: uma experiência na Escola Municipal Carlos Gomes na cidade de Manaus

Maria Olindina Andrade de Oliveira¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo expor como se deu a implantação de uma experiência metodológica inovadora, tendo por base a metodologia de projetos de aprendizagem, realizada por meio do Projeto de Oficinas de Formação em Serviço (OFS), na EMEF Carlos Gomes, na cidade de Manaus (2013/2014). Nesse relato apresentamos desde a sua preparação, o processo de planejamento, como se desenvolveu o projeto, os desafios, os avanços obtidos e nossas principais conclusões

Palavras-chave

Projeto OFS. Currículo. Transdisciplinaridade.

Abstract

This work aims to expose how it happened the implantation of an innovative methodological experience, based on the methodology of learning projects, performed by Design of in-Service training workshops (OFS), on EMEF Carlos Gomes, in the city of Manaus (2013/2014). In this report we present since it's preparation, the process of planning, how the project developed, the challenges, the obtained advances and our main conclusions.

Keyword

Projeto OFS. Curriculum. Transdisciplinarity.

¹ Mestre em História Social/Ufam, professora da Secretaria Municipal da Educação da cidade de Manaus/Semed e da Secretaria de Estado de Educação/Seduc. Endereço eletrônico: mariaolindinaoliveira@bol.com.br.

Introdução

Há quinze anos que a Secretaria Municipal de Educação do município de Manaus desenvolve uma série de ações voltadas para a formação inicial e continuada dos seus professores, tendo como objetivo a melhoria da qualidade de ensino. Durante todo esse período tivemos avanços e recuos, vivenciamos uma série de experiências, exitosas ou não, todas voltadas para atender às necessidades formativas dos professores, visando à mudança da sua prática pedagógica e a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Fizeram e continuam fazendo parte desse processo os programas federais, realizados em parceria com a Semed, voltados, principalmente, para o problema da alfabetização e do letramento em virtude da constatação que muitos brasileiros terminam os anos iniciais do Ensino Fundamental sem saber ler e escrever, permanecendo com essa carência para o resto de suas vidas. Mas apesar de todo o investimento feito, no geral, a Secretaria não teve o retorno esperado.

Em 2011, a Semed, em parceria com a Universidade do Estado Amazonas/UEA, iniciou em algumas escolas o projeto Oficina de Formação em Serviço/OFS, no qual atuei como formadora na Escola Carlos Gomes, localizada na zona centro-oeste da cidade de Manaus, no turno matutino e noturno. Como o próprio nome já faz referência, a formação em serviço é aquela que ocorre na própria escola e, no caso específico, prevê a elaboração de um projeto formativo para os docentes, a

adoção da metodologia de projetos², construídos e elaborados a partir das demandas e necessidades apontadas pelos estudantes e pelos próprios professores. Para isso, realiza-se uma pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa que considera o contexto social, econômico, político e cultural do meio em que a comunidade escolar está inserida.

É importante frisar, antes de mais nada, a importância do referido projeto para a adoção de futuras políticas voltadas para a formação continuada de professores uma vez que entendemos que é papel do Estado promover políticas públicas que de fato respondam às necessidades concretas vividas pelos docentes em todo o país. Por outro lado, elas devem se pautar exatamente a partir de experiências formativas locais (como as OFS) que, em virtude de acontecer no "chão" da escola, possibilitam ao sistema de ensino compreender o quanto é complexo e dinâmico o trabalho docente e a realidade escolar no sentido mais amplo do termo. Podemos afirmar que as OFS possibilitou a nós, formadores, ter uma compreensão maior dessa realidade uma vez que todo o período de seu desenvolvimento (2011-2014) teve por base o diagnóstico inicial dos problemas inerentes e específicos de cada escola.

Hoje, compreendemos que o foco do processo de ensino deve estar na aprendizagem do aluno, e que tanto professores quanto estudantes são "sujeitos epistêmicos", ou seja, possuem uma imensa capacidade de aprender e que aprendem

² A metodologia de projetos constitui-se numa atividade educativa, cuja investigação científica tem por base a busca pela resolução de problemas e tem por objetivo promover a produção do conhecimento com autonomia e espírito crítico. O grande diferencial é a sua característica transdisciplinar, ou seja, está no fato de que essa investigação não se restringe a uma única área do conhecimento, superando, portanto, a fragmentação das disciplinas.

durante toda a vida, mais ainda, que o processo de aprendizagem ocorre a partir da interação entre eles. Nesse sentido, o estudante não se constitui numa "tábula rasa" que "aprende" a partir da sua capacidade de reproduzir o que o professor ensinou e, sim, constitui-se num sujeito ativo desse processo.

As mudanças que ocorreram no âmbito da ciência afetaram as diversas áreas do conhecimento e, por conseguinte, os saberes escolares em que a escola constitui-se no espaço privilegiado de transmissão. Atualmente, discute-se que conhecimentos são necessários a serem compartilhados à sociedade, tendo como objetivo a formação intelectual de um cidadão crítico e reflexivo. Essas novas demandas impõem aos professores a adoção de novas metodologias mais adequadas aos tempos atuais. No caso das Ofs, propõe-se trabalhar com a Pedagogia de Projetos:

A Pedagogia de Projetos é uma mudança de postura pedagógica fundamentada na concepção de que a aprendizagem ocorre a partir da resolução de situações didáticas significativas para o aluno; aproximando-o o máximo possível do seu contexto social, através do desenvolvimento do senso crítico, da pesquisa e da resolução de problemas³.

Isso significa dizer, obviamente, que a escola de hoje não é mais a mesma dos

séculos passados, ou mesmo, de 20, 30 anos atrás. Há a necessidade urgente não só de se ter consciência desse processo, mas que isso traz também consequências ao *métier*, ao trabalho docente. Atualmente, nós professores somos obrigados, impelidos, a rever nossas concepções de educação, a ressignificar nossas práticas pedagógicas, além de buscar novas relações com todo corpo técnico que atua na escola, com a comunidade e, principalmente, com os alunos⁴. Isso sem considerar a fragilidade das formações iniciais de nossos profissionais da educação no Brasil.

E de que maneira tudo isso se reflete na escola, na sala de aula? De várias maneiras, como por exemplo, no caso dos professores que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Esses professores recebem na graduação uma formação generalizante em que é dada pouca atenção às especificidades das disciplinas e que nem sempre os profissionais que as ministram são formados nessas áreas. Evidente que essa carência na formação inicial tem sérias consequências na sala de aula, pois esses professores não possuem domínio dos conceitos básicos, essenciais de cada área de conhecimento. Por outro lado, nossa experiência mostrou que por terem consciência dessa situação, esses docentes são mais receptivos as

³ FREITAS, Kátia Siqueira de (coord.). Pedagogia de Projetos. GERIR, Salvador, v.09, n.29, p. 17-37, jan/fev. 2003. p. 20.

⁴ Eis assim a vantagem de se adotar a Metodologia de Projetos: "...permite a busca de pluralidade de caminhos e respostas...", "...discernimento para optar e escolher as possíveis soluções para a problemática levantada...", permite "...desvelar, manifestar e investigar conhecimentos...", exige "...o envolvimento do professor e dos alunos em uma interconexão entre a concepção e a execução da ação...", "...possibilita transportar a vivência e a aprendizagem do projeto para outras situações reais que o aluno enfrenta na vida...", possibilita aos alunos "...diferenciadas maneiras de aprender...", "...de aprender a aprender...", supera "...a perspectiva de acumulação e memorização de informações...", enfoca a aprendizagem significativa, "...aprender a investigar e a pesquisar..." (BEHRENS, Marilda Aparecida. Paradigma da Complexidade: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios. Petrópolis: Vozes, 2008. p.42-43)

formações que contribuem para amenizar esse problema, pois isso tem reflexo direto nas metodologias utilizadas em sala de aula.

Além disso, durante muito tempo, os professores do município, em geral, foram incompreendidos pela maioria dos formadores que atuaram no antigo Centro de Formação Permanente do Magistério/CFP, hoje Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério-DDPM, que os criticavam por quererem “receita de bolo” nas formações. Ao contrário, na verdade demonstra o quanto elas não atendiam às demandas dos professores, pois não se pautavam nos problemas e na realidade que os docentes enfrentavam e continuam enfrentando em sala de aula.

Na verdade, essa realidade não é específica de Manaus e, sim, válida para todo o Brasil. Teóricos como Francisco Imbernón há muito tempo chamam atenção sobre essa situação preocupante:

Paradoxalmente, há muita formação e poucas mudanças. Talvez seja porque ainda predominem políticas e formadores que praticam com afincamento e entusiasmo uma formação transmissora e uniforme, com um predomínio de uma teoria descontextualizada, válida para todos, estejam onde estiverem, distante dos problemas práticos reais, com base num professor médio que não existe. Mesmo sabendo o discurso já antigo (de meados dos anos 1980), a formação deve aproximar-se à escola e partir das situações problemáticas dos professores, mas não é isso o que acontece, a formação e os projetos nos centros continuam sendo uma eterna reivindicação⁵.

Desde o início, verificamos que a preocupação docente sempre esteve voltada ao “fazer” pedagógico, em como ensinar, como fazer o aluno aprender. Por outro lado, compreendemos que essa é uma demanda que também reflete às mudanças ocorridas no âmbito das ciências, pois elas atingiram inevitavelmente às metodologias de cada área de conhecimento. Atualmente, exige-se uma transferência da preocupação com o ensinar para o processo de construção do conhecimento, ou seja, à aprendizagem do aluno, tendo por base a pesquisa e focando nos questionamentos, na reflexão, na interação entre os sujeitos, na conexão entre o conhecimento e o contexto que os discentes vivenciam, de maneira que possam ressignificá-los.

Como bem afirma Jacira Pinto da Roza,

É necessário que as instituições organizem suas propostas pedagógicas a partir de metodologias mais dinâmicas, mais ativas. A pedagogia contemporânea entende que o processo de construção do conhecimento remete à aprendizagem, a uma educação que visa à formação intelectual e cidadã do sujeito, efetivando-se no espaço pedagógico através de processos interativos de reflexão, de discussão e de permanentes questionamentos, de promoção de situações que permitam ao acadêmico mobilizar seus conhecimentos, ressignificá-los e contextualizá-los frente aos novos conhecimentos.⁶

A experiência das OFS mostrou que esse tipo de prática é possível de acontecer

⁵ IMBERNÓN, Francisco. Formação permanente do professorado: novas tendências. São Paulo: Cortez, 2009. P. 34-5.

⁶ ROZA, Jacira Pinto da. Desafios da docência: algumas reflexões sobre a possibilidade de uma gestão pedagógica da pesquisa. In: KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves & SIMIONATO, Margareth Fadanelli (orgs.). Formação de professores: abordagens contemporâneas. São Paulo: Paulinas, 2008.

nas escolas públicas municipais de ensino. A partir dos problemas diagnosticados em suas turmas principalmente de natureza pedagógica, os professores elaboraram seus projetos de aprendizagens, juntamente com os estudantes, e trabalharam seus conteúdos curriculares, obtendo agradáveis surpresas em seus resultados. Entretanto, verificamos que, infelizmente, nem todos os professores estão preparados para trabalhar com esse tipo de metodologia, ou como eu dizia para eles: *“Quem está disposto a aprender a fazer algo que nunca fez?”*. E são vários os motivos que vão desde o fato de que isso mexe com a vaidade de muitos profissionais, a desmotivação, a sobrecarga de trabalho, até o fato de que simplesmente não querem inovar sua prática pedagógica.

Um aspecto que gostaria de ressaltar diz respeito às vantagens de se realizar a formação em serviço, constatada com a experiência vivenciada pelas OFS. Isso porque o projeto mostrou para nós formadores que não basta rever os processos de formação para que a realidade da sala de aula seja de fato transformada. Há necessidade de que se reveja e se mude ações, práticas, enraizadas há bastante tempo na escola. É fundamental, entre outras coisas, que se estabeleçam novas relações entre toda a equipe técnica desde o gestor até o porteiro, mas principalmente, entre o gestor, o pedagogo e os professores. Isso porque o trabalho coletivo e colaborativo é essencial para que se tenha um bom desempenho escolar e, por conseguinte, facilitar à introdução de novas metodologias. Em outras

palavras, o trabalho solitário com certeza é importante, mas as mudanças de natureza qualitativa de fato só acontecerão se forem feitas em equipe. Mais ainda, que a possibilidade de mudança só é possível quando os professores têm consciência disso.

Esse foi o caso dos profissionais que atuavam no turno matutino da Escola Municipal Carlos Gomes, pois, ao fazerem o diagnóstico dos problemas que enfrentavam na escola, chegaram à conclusão que eram, na sua maioria, resultantes do fato de não trabalharem em equipe. O que acabou resultando na elaboração do seu **projeto formativo**, construído com o objetivo de responder a seguinte questão: *“Como trabalhar de forma coletiva e colaborativa?”*. A partir dessa pergunta, os professores construíram o seu projeto e durante um ano (2013) tiveram a oportunidade de discutirem seus principais problemas e trabalhar as relações entre si. Isso só foi possível porque a Secretaria autorizou que ocorressem encontros formativos mensais na própria escola, sendo que os professores eram substituídos em suas salas pelos “assistentes à docência”, pertencentes principalmente às licenciaturas da UEA⁷, a maioria do curso de Pedagogia. Um dos aspectos interessantes dessa etapa foi a possibilidade de trazer profissionais especializados para atender as demandas dos docentes, no caso específico da Escola Municipal Carlos Gomes, uma psicóloga para trabalhar as relações interpessoais e uma professora para falar do trabalho em sala de aula com alunos especiais, principalmente autistas.

Podemos afirmar que essa experiência

⁷ Participaram do projeto das OFS discentes provenientes da Universidade Federal do Amazonas/Ufam e da Uninorte.

fez com que os docentes estivessem melhores preparados para a elaboração e o desenvolvimento do projeto de intervenção em sala de aula, realizado em 2014, uma vez que facilitou que a sua construção e operacionalização fosse feita de forma coletiva, pois todas as etapas do referido projeto foram executadas conforme foi planejado por todos. Em outras palavras, ao sentarem mensalmente para discutirem seus problemas e planejar juntos as suas ações, o projeto fez com que esses profissionais fossem retirados do isolamento, da solidão, da rotina e do abandono em sala de aula em que se encontravam.

Nesse trabalho, proponho apresentar as etapas de elaboração e implantação do projeto de aprendizagem na Escola Municipal Carlos Gomes com as turmas de 1º ao 5º ano, do turno matutino, os problemas inerentes a esse processo, finalizando com algumas reflexões.

A elaboração do projeto pelos estudantes: a etapa de sensibilização

A formação, no **turno matutino**, teve início no final da primeira quinzena de março/2014 com o objetivo de sensibilizar os professores para aderirem à proposta

pedagógica de metodologia de projeto com ênfase na aprendizagem dos alunos⁸. Nesse primeiro encontro participaram 07 professores e a pedagoga, sendo que destes resolveram participar apenas 06 docentes. No mês de abril, uma professora do PAA e outra que retornou de licença médica passaram a integrar as OFS. Além destes, participou também das OFS a professora responsável pelo telecentro da escola, totalizando assim 09 professores participando do projeto no turno matutino⁹.

No que diz respeito ao processo de realização do projeto na escola, foi dito aos professores que seria realizado da seguinte maneira: primeiro, as formações das OFS seriam realizadas nas datas da **Formação Tapiri**¹⁰, previamente estabelecidas em calendário mensal pela Secretaria; segundo, através de **assessoramento pedagógico fora de sala de aula**, em que os estagiários assumiriam a sala, enquanto os professores estariam recebendo assessoria da formadora; e, por último, com **assessoramento pedagógico em sala de aula**, com a participação da formadora e dos estagiários nas atividades realizadas com os alunos.

⁸ No mês de fevereiro, ao retornarmos das férias, teve início a nossa preparação para a realização dos projetos de aprendizagens na escola. Na verdade, essa preparação ocorreu dois anos antes quando decidi vivenciar com os alunos do ensino médio da Escola Estadual Ângelo Ramazzotti, onde trabalhava no turno vespertino, a metodologia de projeto em sala de aula, já me preparando para essa etapa do trabalho. Para isso, li vários textos sobre a temática e apliquei essa metodologia com os meus alunos. Em 2012, trabalhei com os 1º anos a seguinte temática: "Luís Gonzaga" e, no ano seguinte, com as mesmas turmas, foi desenvolvido o projeto "Rainha Nzinga Mbandi". Essa experiência me mostrou que são inúmeras as vantagens de se trabalhar com a Metodologia de Projetos, principalmente, para o desenvolvimento da leitura e produção de texto, de um trabalho interdisciplinar, do trabalho em equipe e para a iniciação ao processo de pesquisa. Por outro lado, possibilitou que eu vivenciasse as dificuldades e os possíveis problemas ou obstáculos a serem enfrentados pelos professores. Essa estratégia utilizada por mim foi de suma importância para que eu tivesse segurança para falar sobre projetos de aprendizagens com os docentes e serviu de orientação para o meu trabalho de assessoramento pedagógico realizado posteriormente com os docentes.

⁹ No final, ficaram apenas oito professores, pois uma desistiu durante a primeira etapa de implantação do projeto.

¹⁰ A Formação Tapiri faz parte do Programa de Formação Continuada da Secretaria e é realizada uma vez por mês para todos os professores da rede pública municipal de ensino e, neste dia, não há aula nas escolas.

A justificativa da formadora para os professores foi feita através de um convite para aprenderem a fazerem algo diferente do que estão acostumados a realizar (no que diz respeito à sua prática pedagógica), para depois avaliarem se realmente é vantajoso ou não trabalhar através da metodologia de projetos. Como parâmetro, foi dito que eles realizarão com os alunos o que vivenciaram na elaboração e execução do projeto formativo da escola no ano passado.

Apesar de algumas resistências principalmente de uma professora que compreendia que esse projeto seria “mais um”, dentre outros determinados pela Secretaria e que são obrigados a realizar, além de ressaltar a falta de tempo para fazer toda a demanda burocrática e pedagógica exigida pelo sistema, ela foi convencida pelos colegas a participar do projeto. Por outro lado, tivemos também uma professora que gostou muito da proposta, pois era algo que gostaria de fazer há muito tempo e, agora, teria a possibilidade de realizar.

Nesse dia, foi também orientado aos professores que sensibilizassem os seus alunos para o projeto e sondassem junto às suas turmas que assuntos gostariam que fossem desenvolvidos por eles. Na segunda quinzena de março foi realizada a primeira formação em que foi definido um tema único a ser trabalhado por todos os professores: a **Copa do Mundo de 2014**, sugerido a partir do interesse de algumas turmas. Nesse encontro também foi dis-

cutido e planejado as datas e a maneira como os alunos seriam sensibilizados para o tema proposto; nessas aulas tínhamos a participação da formadora e dos estagiários da UEA¹¹.

No geral, os professores se prepararam muito bem para a sensibilização dos alunos. Selecionaram vídeos, músicas e se caracterizaram com vestimentas que faziam alusão à Copa do Mundo. Os professores dos 2º anos reuniram as suas turmas em uma única sala e criaram muita expectativa dizendo que um grande jogador (mais famoso que o Neymar!) e uma grande jogadora (mais famosa que a Márcia!) iriam visitá-los. As professoras do 3º e 4º anos resolveram utilizar o espaço do telecentro para esse grande momento; sendo que as dos 4º anos uniram as duas turmas e a professora do 3º ano fez num outro dia, após retornar de licença médica. A professora do PAA¹² resolveu ornamentar a sala, juntamente com os alunos, causando, assim, grande expectativa.

A professora do 5º ano fez esse processo em sala de aula de maneira mais simples, iniciando a atividade com “a dinâmica do abraço”. Foi muito interessante porque, apesar de não utilizar as mídias, ela conseguiu fazer com que houvesse uma interação entre os alunos, principalmente porque tinham de sair de seus lugares para abraçar os colegas e por não poderem repetir as mesmas pessoas. No meu entendimento, isso foi essencial para a segunda etapa, a saber, a divisão da turma em equipes para fazerem as questões relativas

¹¹ Essa etapa de sensibilização, no meu entendimento, é de suma importância para o sucesso do projeto. A partir dessa etapa, os alunos só queriam saber do projeto.

¹² Programa de Aceleração de Aprendizagem que reúne alunos de diferentes idades e com grandes dificuldades de aprendizagem. Em geral, também com algum comprometimento mental.

à Copa do Mundo. Como a professora já tinha realizado uma sondagem antes, que resultou em 06 (seis) subtemas, foi feita a divisão da turma em seis equipes e orientado aos alunos que escrevessem as dúvidas, as curiosidades, que tivessem sobre os seus assuntos. Para isso, os integrantes de cada equipe escolheram um escriba para anotar as questões a serem entregues mais tarde para a professora, enquanto os demais anotariam as perguntas nos seus cadernos. Em seguida, foi solicitado aos alunos que dessem um título para o projeto deles, resultando no seguinte: "**Copa do Mundo: um bate bola na escola**"; da mesma forma, construíram coletivamente o objetivo geral, os objetivos específicos e o sumário. Foi muito importante nesse processo a participação do estagiário, pois tirou fotos, orientou os alunos nas questões, de acordo com as instruções dadas pela formadora.

A metodologia adotada pelos demais professores foi um pouco diferente. Eles não dividiram suas turmas em equipes nesse primeiro momento. Ao contrário, sensibilizaram os alunos com vídeos sobre a Copa do Mundo e a história do futebol, para assim os discentes se sentirem estimulados a fazerem questões coletivamente sobre o tema. Num outro momento, cada professor reorganizou essas perguntas em subtemas e dividiu a sua turma em equipes para, assim, iniciarem a pesquisa. Nessa primeira etapa do projeto, eu constatei uma dificuldade comum nesse grupo de professores, ou seja, o de sensibilizar os alunos para a temática, em problematizar, em instigar a sua curiosidade, sem necessariamente "dar aula" sobre o assunto. Ou seja, a dificuldade em buscar os conhecimentos prévios das

crianças, mais do que isso, em acreditar que os alunos se interessariam em fazer alguma pergunta sobre o tema.

Eis algumas considerações feitas pelos professores:

"...quanto à sensibilização dos alunos, acredito que houve sim, tanto que eles cooperaram no dia do vídeo, ficaram curiosos para aprender, conhecer mais sobre a Copa do Mundo. Os alunos foram bem criativos na elaboração dos temas e questionamentos, curiosidades do projeto. A minha opinião foi a melhor possível, pois sendo o interesse dos alunos nos fez acreditar que vale à pena fazer esse projeto na escola".

"Consegui sensibilizar meus alunos para o projeto, dizendo que todos fazem parte do projeto e que seriam os pesquisadores de um tema, tema esse que na minha sala ficou sendo sobre a Copa do Mundo, a partir daí todos os alunos elaboraram perguntas sobre o que queriam saber (...), foi mais fácil do que eu imaginaria ser, todos tinham muitos questionamentos a fazer sobre a Copa do Mundo".

"...a surpresa foi detectar que quase 100% dos professores do matutino aderiram a proposta das OFS, tendo como vantagem o suporte pedagógico muito bom, o que facilitou o trabalho, assim como a disponibilidade de recursos, me deixou entusiasmada e fez com que eu incentivasse meus alunos ainda mais".

"A sensibilização da turma para o tema foi tranquila, com a ajuda de um estagiário e da assessoria pedagógica direcionando e dando suporte para que eu realizasse uma excelente sensibilização, a qual foi minha surpresa que a turma fizesse tantas perguntas e questionamentos, partindo a seguir para o planejamento dos conteúdos bimestrais de maneira interdisciplinar".

"O dia da sensibilização foi inesquecível, pois os alunos ficaram curiosos, animados, motivados a conhecer o que estávamos

propondo, isso também nos motivou a levar o projeto adiante”.

Um aspecto positivo foi a preocupação dos professores em se caracterizarem, em ornamentar a sala, de maneira a chamar a atenção das crianças para algo novo, diferente do que normalmente é realizado em sala. A própria presença da formadora e dos estagiários causou expectativas aos alunos; tudo isso, contribuiu satisfatoriamente para a sensibilização dos mesmos para o projeto. Além disso, o fato de ser um tema que partiu deles, sendo que eles iriam determinar aquilo que queriam estudar foi também um elemento marcante e diferencial do projeto.

Entretanto, houve momentos em que foi difícil fazer os alunos perguntarem algo, simplesmente porque, após a utilização dos vídeos, eles receberam uma aula sobre a Copa do Mundo e a história do futebol, o que não motivava a nenhum questionamento, pois, além de se mostrar uma metodologia cansativa, foi também quase infrutífera na medida em que tudo já estava respondido. Mas, mesmo assim, conseguimos superar esse obstáculo. Isso só não aconteceu com a professora do 5º ano devido a metodologia que ela adotou.

Outro problema diz respeito à própria utilização das mídias, pois devem ser utilizadas de forma criteriosa, com tempo bem determinado e exploradas de maneira correta porque, senão, se tornam cansativas e o professor não consegue alcançar o objetivo previamente estabelecido. Ou seja, o professor deve saber utilizar os recursos tecnológicos que tem à sua disposição, sempre tendo em vista aquilo que pretende alcançar e que, naquele mom-

ento, era sensibilizar os alunos, o seu interesse, a sua curiosidade para o tema da copa do mundo. E isso requer planejamento e domínio total de suas ações em sala de aula.

Nessa primeira etapa, durante a sensibilização, os projetos ficaram assim organizados: “A Copa do Mundo na Escola Carlos Gomes” (2º anos), “Aluno nota 10 na Copa do Mundo” (3º e 4º anos), “Copa do Mundo: um bate bola na escola” (5º ano) e “Vibrar, torcer e aprender. PAA é Brasil” (PAA). No final, todas as turmas elaboraram suas perguntas, deram títulos aos seus projetos, fizeram os seus objetivos e o sumário, cumprindo assim com os objetivos estabelecidos para serem realizados nessa etapa da sensibilização.

Segunda etapa: planejamento, currículo e projeto

De início foi muito difícil para os professores compreenderem que os conteúdos de ensino podem ser desenvolvidos através de um projeto. Para eles, o projeto das OFS seria mais um, entre outros, a ser desenvolvido. Esse foi o primeiro paradigma a ser rompido por eles. O segundo obstáculo a ser vencido era a percepção que possuíam de que teriam de trabalhar um assunto a mais, além dos conteúdos bimestrais, aumentando por assim dizer o seu trabalho em sala de aula. Fazê-los compreender que, ao contrário, eles poderiam desenvolver seus conteúdos bimestrais a partir do tema A Copa do Mundo foi desafiador e ao mesmo tempo estimulante para os professores. Mais ainda, que é nesse processo que ocorre o que denominamos de transdisciplinaridade¹³.

Mesmo assim, foi orientado aos professores que o projeto das OFS trabalharia os conteúdos do 2º bimestre das disciplinas. Além disso, coloquei-me à disposição dos professores no dia do planejamento para ajudá-los nesse processo, o que foi recusado por eles. Apenas mais tarde, na elaboração dos conteúdos a serem desenvolvidos no projeto, é que eles começaram a perceber, de fato, como se daria o desenvolvimento de todo o processo e de como as duas ações estavam imbricadas; de tal forma, que tivemos a seguinte declaração de uma professora: “Você deveria ter estado presente no dia do planejamento”, pois perceberam que no processo de definição dos conteúdos a serem trabalhados no projeto, eles estavam fazendo novamente o planejamento bimestral.

É importante destacar o papel da assessoria pedagógica realizada pelo formador no processo de planejamento: nas formações mensais, onde todos os professores sentavam juntos, discutiam seus problemas e dificuldades e definiam suas ações; e na assessoria pedagógica fora da sala de aula onde a formadora sentava e buscava atender às necessidades e demandas específicas dos professores e de seus respectivos projetos. No meu entendimento, o trabalho realizado

por mim, enquanto formadora, de fato, deveria ser função do pedagogo da escola realizar, o qual não desenvolve devido ao excesso de demandas administrativas que é obrigado a assumir, o que acaba comprometendo o seu trabalho pedagógico na escola.

O desenvolvimento do projeto em sala de aula: transposição didática e transdisciplinaridade

Mas o que de fato ocorreu com os professores é que eles puderam vivenciar a “transdisciplinaridade” e a “transposição didática”¹⁴ em sala de aula, muito mais interessante do que qualquer leitura sobre o assunto. Temos, por exemplo, o trabalho desenvolvido pela professora de uma turma do 2º ano que conseguiu em suas aulas desenvolver os conteúdos de Geografia, Língua Portuguesa e Ciências, cuja transposição didática foi facilitada pela temática da Copa do Mundo ao trabalhar, no mapa, os países envolvidos no evento. A partir daí, a professora enfatizou o ensino da língua com a colocação dos nomes dos países em ordem alfabética, tudo feito coletivamente. Além disso, trabalhou com eles a escrita dos países em letra cursiva e em letra bastão. E, aproveitando um questionamento de

¹³ A ideia de transdisciplinaridade envolve não só os conteúdos disciplinares, mas também algo que vai entre, através e além das disciplinas. Para se trabalhar de forma transdisciplinar, o professor deve escolher temas que não se adequam plenamente a nenhuma disciplina. O tema “A Copa do Mundo” está presente em várias disciplinas, praticamente em todas, não sendo exclusiva de nenhuma. Mais ainda, não é possível inserir esse tema em apenas uma disciplina. Além do mais, se os professores fazem um mesmo planejamento, onde todos participam de todos os processos, envolvendo toda a comunidade escolar, as famílias, como de fato aconteceu, então podemos defini-lo como um trabalho transdisciplinar. Portanto, um trabalho para ser considerado transdisciplinar obrigatoriamente deve conter elementos que vão além das disciplinas e do espaço disciplinar das salas de aula.

¹⁴ A Transposição didática, conceito elaborado por Yves Chevallard a partir de pesquisas realizadas no âmbito da Matemática, diz respeito ao conjunto de transformações que o saber erudito passa para se tornar um saber escolar. Nesse sentido, valoriza a didática a ser desenvolvida pelo profissional docente visando a aprendizagem de seus conteúdos.

um aluno sobre o planeta Terra, ela trabalhou o sistema solar e todos os outros planetas. Tudo isso feito de forma lúdica, despertando grande interesse dos alunos, inovando sua prática pedagógica.

Outro exemplo, foi de um professora do 4º ano que tinha como conteúdo de ciências trabalhar a questão da preservação do meio ambiente e que, a partir da temática do projeto, os alunos elaboraram maquetes e apresentaram, para algumas turmas, como cuidar do meio em que vivemos, relacionando-o com a realização da Copa do Mundo em nossa cidade. Em outras palavras, uma vez que Manaus era cidade-sede, os alunos pesquisaram e apresentaram para seus colegas como cuidar ambientalmente da nossa cidade e, com isso, melhor prepará-la para seus habitantes e os turistas que viriam para o referido evento. Esse trabalho, na minha opinião, exemplifica muito bem a questão da necessidade de se relacionar os “conteúdos” com o contexto social, o meio em que os estudantes vivem, com os problemas, e com tudo aquilo que está presente na vida da comunidade da qual a escola faz parte.

Outro exemplo interessante foi o de uma outra professora do 4º ano que, a partir da temática da alimentação dos jogadores, trabalhou o conteúdo relativo à saúde (Ciências), especificamente a pirâmide alimentar com a sua turma. Ao mesmo tempo, desenvolveu também conteúdos de Matemática e de Língua Portuguesa ao propor que os alunos pesquisassem sobre os preços de determinados produtos essenciais no preparo da alimentação. Também foi possível observar nessa turma como a transposição didática e a transdisciplinaridade foram

realizadas mais facilmente a partir da inovação da prática pedagógica propiciada pelo projeto de aprendizagem.

Conclusão

A Formação em Serviço foi realizada de três formas: primeiro, uma vez por mês nos dias destinados à formação de pólos que, no caso dos professores envolvidos no projeto, ficavam na escola para receber a **formação das OFS**. No geral, esses dias foram destinados à discussão coletiva da elaboração e execução do projeto; a segunda forma ocorreu através do **Assessoramento Pedagógico Fora de Sala de Aula**, onde um estagiário substituiu o professor e este recebia orientações individualizadas ou em grupo para a elaboração do projeto; a terceira constituía-se no **Assessoramento Pedagógico Dentro de Sala de Aula**, junto com o professor, na execução do projeto com os estudantes. Vale apenas ressaltar que participei desse momento somente nas turmas em que fui solicitada pelo professor. A metodologia adotada pela formadora teve por objetivo que as três ações se complementassem.

A primeira, realizada com todos na escola, visava à discussão coletiva e o desenvolvimento do trabalho em equipe, envolvendo todo o corpo docente no processo. Esse trabalho foi facilitado devido o fato de terem trabalhado um único tema. Tudo isso pode parecer interessante para muitos estudiosos, mas o principal diferencial vivenciado nesse processo é exatamente esse “tempo” que toda a equipe pedagógica necessita para sentar, discutir e planejar suas ações que não é oferecido e nem permitido pelos sistemas

de ensino, pois no máximo temos os planejamentos bimestrais; além disso, especificamente para os professores de 1 ao 5 ano ainda não foi resolvido o problema da HTP (Hora de trabalho pedagógico), que em tese resolveria essa questão. Um dos principais questionamentos dos docentes foi exatamente esse: “o que fazer quando vocês forem embora?”, pois não será mais oferecida, uma vez ao mês, a eles a oportunidade de planejar suas ações pedagógicas e tão pouco terão a assessoria pedagógica que tiveram e que, na verdade, deveria ser o trabalho a ser realizado pelo pedagogo na escola, se não fosse dado a ele uma série de atividades administrativas que acabam tirando-o de sua real função.

A segunda diz respeito a um assessoramento mais individualizado em que se optou pela construção paulatina do projeto, à medida que ele era realizado de forma que, podemos afirmar que os projetos elaborados pelos professores e estudantes constituem-se naquilo que de fato ocorreu. A vantagem dessa metodologia é que o professor aprendeu a construir o projeto, de acordo com o que era proposto, não dando espaço para que elaborassem o projeto do jeito que já estavam acostumados a realizarem.

O principal aspecto que saltou aos olhos dos docentes e que foram unânimes em afirmar, é que eles perceberam que é possível os alunos construir um projeto, a partir de seus interesses, de seus questionamentos; fato esse que eles não acreditavam que iria acontecer. Foi por esse motivo que todos solicitaram a minha presença e a minha ajuda no dia da sensibilização com os alunos, pois não acreditavam que estes fariam perguntas

do que gostariam de saber, de estudar sobre a Copa do Mundo.

A terceira que também foi significativa na elaboração do projeto foi o processo de relacionar o tema com os conteúdos bimestrais, pois, à medida que recebiam sugestões de atividades e foram compreendendo essa relação, ficaram confiantes e autônomos suficientes para realizarem aquilo que antes era difícil de entender. O seu papel foi muito mais de mediadores do processo educativo, iniciando o processo de rompimento daquele que se vê apenas como “transmissor de conhecimento”.

Especificamente na etapa da elaboração e implantação do projeto de aprendizagem, além das formações mensais, as OFS ofereceram aos professores encontros individuais voltados para uma assessoria pedagógica mais individualizada para o desenvolvimento do projeto em sala de aula. Da mesma forma, o formador colocou-se à disposição do professor para auxiliá-lo em sala, juntamente com os “assistentes à docência”. Esses dois tipos de ações foram desenvolvidas de acordo com as demandas e solicitações dos professores aos formadores. Como resultado, tivemos mudanças significativas e positivas no processo de aprendizagem dos discentes. Mas a **assessoria dentro da sala de aula** só ocorria mediante a solicitação do professor, o que aconteceu muito pouco, pois, infelizmente nossos docentes ainda veem com muitas ressalvas esse tipo de prática, compreendido aqui como o de “fiscalizador”, para ver se ele está fazendo “certo” ou “errado” o seu trabalho.

Para finalizar, gostaria de enfatizar que o processo avaliativo é de suma impor-

tância para o projeto. Foi orientado aos docentes que realizassem as seguintes avaliações: no início, para perceberem quais as necessidades pedagógicas de seus alunos; durante o seu desenvolvimento, para que tivessem pleno domínio de todas as etapas de sua realização; no final do projeto, para verificar se de fato alcançaram os objetivos propostos e,

por fim, a avaliação dos discentes, possibilitando a eles manifestarem suas vivências, suas opiniões sobre todo o processo metodológico. De todos, este último foi o único não realizado pelos professores, o que demonstra, talvez, uma certa dificuldade em “ouvir” a opinião dos discentes. ■

Referências

BEHRENS, Marilda Aparecida. Paradigma da Complexidade: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREITAS, Kátia Siqueira de (coord.). Pedagogia de Projetos. GERIR, Salvador, v.09, n.29, p. 17-37, jan/fev. 2003.

IMBERNÓN, Francisco. Formação permanente do professorado: novas tendências. São Paulo: Cortez, 2009.

LÜCK, Heloísa. Metodologia de Projetos: uma ferramenta de planejamento e gestão. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROZA, Jacira Pinto da. Desafios da docência: algumas reflexões sobre a possibilidade de uma gestão pedagógica da pesquisa. In: KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves & SIMIONATO, Margareth Fadanelli (orgs.). Formação de professores: abordagens contemporâneas. São Paulo: Paulinas, 2008.

